

**DISLEXIA: DISTÚRBIOS DE
APRENDIZAGEM DETECTADOS NO
PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E
LETRAMENTO DO PIBID**

Rosani Casanova JUNCKES

Professora titular do Curso de Pedagogia da UNISUL
Coordenadora de área do Subprojeto Pedagogia
UNISUL Virtual (PIBID)
Especialista em Língua Brasileira de Sinais e
em Educação Especial e Inclusão
E-mail: rosani.junckes@unisul.br

Marlize CARLOS

Assistente Técnica Pedagógica da E.E.B
Professora Claudete Maria Hoffmann Domingos
Supervisora do Subprojeto Pedagogia
UNISUL Virtual (PIBID)
Especialista em Educação Infantil e Séries Iniciais
E-mail: marlizekarlos@hotmail.com

Janeide Aparecida Muller STENGER

Professora do Ensino Fundamental I da E.E.B
Professora Claudete Maria Hoffmann Domingos
Supervisora do Subprojeto Pedagogia
UNISUL Virtual (PIBID)
Especialista em Gestão Escolar
E-mail: janeidemuller@gmail.com

Maria Gisele KOERICH

Pedagoga e assistente Administrativa
na CEB Governador Wilson Kleinubing
Supervisora do Subprojeto Pedagogia
UNISUL Virtual (PIBID)
Especialista em Interdisciplinaridade
E-mail: mariagiselekoerich@gmail.com

Resumo

Este artigo aborda uma iniciativa do Programa PIBID, na qual os bolsistas elaboraram práticas diferenciadas de aprendizagem para contemplar alunos que não desenvolveram as habilidades de leitura, escrita e soletração. O foco do programa é atender os alunos que apresentem suspeita de distúrbios de aprendizagem, com ênfase na dislexia, sendo aplicadas, para este caso, estratégias de ensino diversificadas, partindo sempre do ponto de aprendizagem do aluno. Nossa pesquisa aborda o conceito e os sintomas da dislexia e apresenta estratégias para lidar com este distúrbio e dicas para melhorar a autoestima dos alunos que o possuem, bem como para auxiliar no processo de ensino e de

aprendizagem, que contemplam tanto os bolsistas do programa quanto os alunos e suas famílias.

Palavras-chave: *Dislexia; Aprendizagem; Estratégias de ensino.*

Abstract

This article approaches an initiative of PIBID (Institutional Program of Scholarship of Teaching Initiation), in which the academics developed different practices of learning to contemplate students who didn't learn the reading skills, writing and spelling. The program's focus is dealing with students who show disorders of learning, with emphasis in dyslexia, and for this case there were applied diversified teaching strategies, starting always of the students learning point. Our research approaches the concept and the dyslexia symptoms, and introduces strategies to get along with this disorder and also presents tips to improve the students self-esteem who hold it, in order to help them in the teaching and learning process, that contemplate as the colleger's program as the students and their families.

Keywords: *Dyslexia; Learning; Teaching's strategies.*

Introdução

Este artigo trata do tema dislexia no contexto educacional e familiar e tem por objetivo apresentar o conceito e o histórico deste distúrbio, bem como os sintomas e as formas de lidar, da melhor forma possível. O estudo é fruto de uma pesquisa do Programa PIBID, no qual os bolsistas identificam e aprendem a lidar com alunos que possuem este distúrbio, buscando apresentar aos alunos e às famílias a melhor forma de superar os medos e melhorar a autoestima frente à sua manifestação, durante o processo de aprendizagem.

O sistema educacional e as dificuldades de aprendizagem

Educar é um processo contínuo e permanente em que todo o ser humano está em estado de transformação, de mudança. Afirma Furter (2006) que o homem, por ser inacabado, tende à perfeição. A educação é, portanto, um processo contínuo que só acaba com a morte.

A escola e a família devem respeitar o ritmo do estágio de desenvolvimento de aprendizagem da criança. As etapas da vida de qualquer ser humano devem ser respeitadas, principalmente as de uma criança. Dessa forma, a escola deverá criar condições para superar os problemas de aprendizagem e a família de ser orientada a saber conviver com esta situação, de modo que os pais acompanhem a transformação gradativa na aprendizagem de seus filhos, tendo certeza de novas perspectivas sobre o seus avanços, acreditando em suas potencialidades.

A valorização da criança que apresenta dificuldades de aprendizagem, por parte da escola e da família, quando engajados em seu processo educacional e seu desenvolvimento, contribuirá para a elevação de sua autoestima, sua confiança, dando a ela a credibilidade necessária para que consiga superar os obstáculos em sua vida.

Num processo em que a educação é analisada e debatida em todos os aspectos, manifesta-se a preocupação de que esta precisa se adequar à realidade do sujeito. O fracasso de muitas crianças na escola, principalmente as de classes menos favorecidas economicamente, é fato conhecido no Brasil há muito tempo.

As causas deste fato são sempre atribuídas às insuficiências das escolas que essas crianças frequentavam, sejam em termos de recursos humanos e/ou materiais. Porém, existem muitas condições externas à escola, familiares e sociais, por exemplo, que podem dificultar o processo de aprendizagem e desenvolvimento. A escola não pode ignorar tais influências, precisa buscar soluções com os meios que dispõe, tentando superar, ou pelo menos minimizar, essas condições desfavoráveis.

São diversos e complexos os fatores físicos, psicológicos, econômicos e sociais responsáveis pelo desenvolvimento de cada criança na escola, mas a causa básica dessa dificuldade está no próprio processo escolar. É importante que o educador se concentre no trabalho de acompanhamento de aprendizagem do aluno, observando seus interesses, identificando suas aptidões, detectando suas dificuldades. Na perspectiva de uma visão mais ampla, um bom processo de ensino e de aprendizagem depende do estímulo que o aluno recebe de todos os que trabalham na escola, quanto ao assunto a ser trabalhado (se este se relaciona com o interesse do aluno), que se torna significativa quando há confronto com sua realidade.

Nesse contexto, o professor precisa saber e entender que, ao invés de bons e maus alunos, existem alunos com tempos diferentes de aprendizagem e com distúrbios, quando detectados. Neste caso, merece destaque o tipo de avaliação e atividade aplicadas a esses alunos.

Nessa perspectiva, este artigo aborda uma iniciativa do Programa PIBID, em que os bolsistas IDs elaboraram práticas diferenciadas de aprendizagem para contemplar alunos que não desenvolveram as habilidades de leitura, escrita e soletração. O foco é atender os alunos que apresentem suspeita de distúrbios de aprendizagem, com ênfase na dislexia, sendo aplicadas, para este caso, estratégias de ensino diversificadas, partindo sempre do ponto de aprendizagem do aluno.

Dislexia: histórico e conceito

De acordo com o exposto pelo Dr. Drauzio Varella, dislexia é um transtorno genético e hereditário da linguagem, de origem neurobiológica, que se caracteriza pela dificuldade de decodificar o estímulo escrito ou o símbolo gráfico, comprometendo a

capacidade de aprender a ler e escrever com correção e fluência e de compreender um texto. Em diferentes graus, os portadores desse defeito congênito não conseguem estabelecer a memória fonêmica, isto é, associar os fonemas às letras (VARELLA, 2015).

De acordo com a Associação Brasileira de Dislexia – ABD (2015), a dislexia é genética e hereditária, por isso pais que já realizaram avaliações com suas crianças pequenas e que são disléxicas procuram esta associação. São realizadas avaliações a partir de crianças com cinco anos de idade, só que nesses casos ainda não se pode falar em dislexia, pois apenas podemos comprová-la após as crianças terem passado dois anos pelo processo de alfabetização (ASSOCIAÇÃO, 2015).

Ainda conforme informações da ABD, o transtorno acomete de 0,5% a 17% da população mundial, e pode manifestar-se em pessoas com inteligência normal ou mesmo superior e persistir na vida adulta (ASSOCIAÇÃO, 2015).

Conforme menciona o Centro Psicopedagógico Apoio (MASCARENHAS, 2015), é importante compreender que a dislexia não é uma doença, mas um distúrbio genético e neurobiológico que independe da preguiça, da falta de atenção ou má alfabetização. O que ocorre é uma desordem no caminho das informações, o que inibe o processo de entendimento das letras e, por sua vez, pode comprometer a escrita. É claro que os sintomas da dislexia variam de acordo com os diferentes graus do transtorno, mas a pessoa tem dificuldade para decodificar as letras do alfabeto e tudo o que é relacionado à leitura. O disléxico não consegue associar o símbolo gráfico e as letras ao som que eles representam.

A causa do distúrbio é uma alteração cromossômica hereditária, o que explica a ocorrência em pessoas da mesma família. Pesquisas recentes mostram que a dislexia pode estar relacionada com a produção excessiva de testosterona pela mãe durante a gestação da criança (VARELLA, 2015).

Breve histórico do conceito

Em 1872, Broadlunt, W., Neurologista do Reino Unido, relatou o caso de um paciente que tinha dificuldades para nomear até mesmo os objetos mais familiares. Em

1887, o médico Alemão R. Berlin usou o termo dislexia pela primeira vez para se referir ao que considera uma forma especial de cegueira verbal. Nos anos 60, muitos autores atribuíram a dificuldade de leitura a problemas emocionais e afetivos, o que, na opinião de muitos pesquisadores atuais, provocou um atraso no conhecimento científico da disfunção. Na década de 90, Vítor da Fonseca, especialista em dificuldades de aprendizagem, fez, em Portugal, uma dissecação do conceito de dislexia e apresentou fundamentos psiconeurológicos e psicomotores da dislexia na obra “Insucesso Escolar” (CUNHA, 2015).

De 1980 até hoje, conforme Cunha (2015), ampliou-se o diagnóstico e a intervenção para além da idade escolar, definiram-se conceitos com mais precisão, utilizaram-se as novas tecnologias.

Dislexia

Dado seu histórico, compreendemos que a dislexia é uma dificuldade de aprendizagem de origem neurológica. É caracterizada pela dificuldade com a fluência correta na leitura e por dificuldade na habilidade de decodificação e soletração. Essas dificuldades resultam tipicamente do déficit no componente fonológico da linguagem que é inesperado em relação a outras habilidades cognitivas consideradas na faixa etária.

A definição mais usada na atualidade é a do Comitê de Abril de 1994, da International Dyslexia Association (IDA):

Dislexia é um dos muitos distúrbios de aprendizagem. É um distúrbio específico da linguagem, de origem constitucional, caracterizado pela dificuldade de decodificar palavras simples. Mostra uma insuficiência no processo fonológico. Estas dificuldades de decodificar palavras simples não são esperadas em relação à idade. Apesar de submetida à instrução convencional, adequada inteligência, oportunidade sociocultural e não possuir distúrbios cognitivos e sensoriais fundamentais, a criança falha no processo de aquisição da linguagem. A dislexia é apresentada em várias formas de dificuldade com as diferentes formas de linguagem, frequentemente incluídos problemas de leitura, em aquisição e capacidade de escrever e soletrar. (IDA, 2015).

Nessa mesma direção, Gonçalves (2006) afirma que a dislexia é um distúrbio de aprendizagem que envolve áreas básicas da linguagem, podendo tornar árduo esse processo, porém, com acompanhamento adequado, a criança pode redescobrir suas capacidades e o prazer de aprender. Não é necessário que alunos disléxicos fiquem em classe especial, pois estes alunos têm muito a oferecer para os colegas e muito a receber deles. Essa troca de humores e de saberes, além de afetos, competências e habilidades só faz crescer a amizade, a cooperação e a solidariedade.

Na visão de Jean Dubois et al (1993), a dislexia é um defeito de aprendizagem da leitura caracterizado por dificuldades na correspondência entre símbolos gráficos, às vezes mal reconhecidos, e fonemas, muitas vezes, mal identificados.

Os sintomas variam de acordo com os diferentes graus de gravidade do distúrbio e tornam-se mais evidentes durante a fase da alfabetização. Entre os mais comuns encontram-se as seguintes dificuldades:

- 1) para ler, escrever e soletrar;
- 2) para entender o texto escrito;
- 3) para identificar fonemas, associá-los às letras e reconhecer rimas e aliterações;
- 4) para decorar a tabuada, reconhecer símbolos e conceitos matemáticos (discalculia);
- 5) para compreender regras ortográficas: troca de letras, inversão, omissão ou acréscimo de letras e sílabas (disgrafia);
- 6) para desenvolver uma organização temporal e espacial e coordenação motora. (VARELLA, 2015).

A Associação Brasileira de Dislexia (2015) disponibiliza, em sua homepage, os possíveis sinais que indicam quando uma pessoa pode ser disléxica, conforme apresenta o Quadro 1.

Quadro 1 – Possíveis sinais de Dislexia

Alguns sinais na Pré-escola	Dispersão; Fraco desenvolvimento da atenção; Atraso do desenvolvimento da fala e da linguagem Dificuldade de aprender rimas e canções; Fraco desenvolvimento da coordenação motora;
------------------------------------	---

	Dificuldade com quebra-cabeças; Falta de interesse por livros impressos.
Alguns sinais na Idade Escolar	Dificuldade na aquisição e automação da leitura e da escrita; Pobre conhecimento de rima (sons iguais no final das palavras) e aliteração (sons iguais no início das palavras); Desatenção e dispersão; Dificuldade em copiar de livros e da lousa; Dificuldade na coordenação motora fina (letras, desenhos, pinturas etc.) e/ou grossa (ginástica, dança etc.); Desorganização geral, constantes atrasos na entrega de trabalho escolares e perda de seus pertences; Confusão para nomear entre esquerda e direita; Dificuldade em manusear mapas, dicionários, listas telefônicas etc.; Vocabulário pobre, com sentenças curtas e imaturas ou longas e vagas; Dificuldade na memória de curto prazo, como instruções, recados etc.; Dificuldades em decorar sentenças, a sequência dos meses do ano, alfabeto, tabuada etc.; Dificuldade em matemática (na compreensão do enunciado e para memorizar a sequência da tabuada) e no desenho geométrico; Trocas, inversões, omissões de letras, aglutinações e separações de sílabas de forma incorreta na escrita; Dificuldade no aprendizado de uma segunda língua; Problemas de conduta como: "palhaço" da turma, agitação, inquietação; Como decorrência das dificuldades escolares, podem surgir depressão, baixa autoestima, ansiedade; Bom desempenho em provas orais.
Alguns sinais na Idade Adulta	Continuam as dificuldade com a leitura, escrita e compreensão de texto; Memória imediata e memória operacional prejudicada; Dificuldade em nomear objetos e pessoas (disonomia); Dificuldade na orientação de direita e esquerda; Dificuldade em organização; Aspectos afetivo-emocionais prejudicados, trazendo como consequências: depressão, ansiedade, baixa autoestima e, algumas vezes, desvio para as drogas e o álcool.

Fonte: Associação Brasileira de Dislexia (2015).

De acordo com o exposto por Varella (2015), o diagnóstico é feito por exclusão, em geral por equipe multidisciplinar (médico, psicólogo, psicopedagogo, fonoaudiólogo, neurologista). Antes de afirmar que uma pessoa é disléxica, é preciso descartar a ocorrência de deficiências visuais e auditivas, déficit de atenção, escolarização inadequada, problemas emocionais, psicológicos e socioeconômicos que possam interferir na aprendizagem. É de extrema importância estabelecer o diagnóstico precoce para evitar que sejam atribuídos aos portadores do transtorno rótulos depreciativos, com reflexos negativos sobre sua autoestima e projeto de vida.

Em relação ao tratamento deste distúrbio, o autor menciona que a dislexia não tem cura, mas que é possível realizar algumas ações para ajudar o portador de dislexia a

superar, na medida do possível, o comprometimento no mecanismo da leitura, da expressão escrita ou da matemática.

Mascarenhas (2015) acrescenta que os sintomas da dislexia variam de acordo com os diferentes graus do transtorno, mas a pessoa tem dificuldade para decodificar as letras do alfabeto e tudo o que é relacionado à leitura. O disléxico não consegue associar o símbolo gráfico e as letras ao som que eles representam. Além disso, também podem confundir direita com esquerda, no sentido espacial, ou escrever de forma invertida, ao invés de “vovó”, “ovóv”, “topa” por “pato”. A dislexia também gera a omissão de sílabas ou letras como “transorno” para “transtorno”, até mesmo a confusão de palavras com grafia similar, por exemplo, n-u, w-m, a-e, p-q, p-b, b-d... Ter a necessidade de seguir a linha do texto com os dedos é outro sintoma de dislexia. O indivíduo sofre com a pobreza de vocabulário, escassez de conhecimento prévio, confusão com relação às tarefas escolares, podendo resultar num atraso escolar. As dificuldades para compreensão de texto, reconhecimento de rimas e símbolos, decorar tabuada, inversão, acréscimo ou omissão de letras, saltar ou retroceder linhas no momento da leitura são sinais de dislexia.

Diferentes focos da dislexia em sala de aula apresentados por alunos atendidos pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID

Deixar que os alunos escrevam redações espontâneas não dando muita atenção aos erros ortográficos e apostando na capacidade das crianças de escrever e se autocorrigir com relação à ortografia é de fato um estímulo e um desafio que o aluno sente no seu trabalho, uma motivação verdadeira para a escrita. Essa é a melhor forma de valorizar as atividades dos alunos. (CAGLIARI, 1997, p. 124).

Pensando nos alunos que não desenvolveram as habilidades de leitura, escrita e soletração, o PIBID desenvolveu práticas diferenciadas de aprendizagem, com estratégias de ensino diversificadas, de modo a atender aos alunos com suspeita de distúrbios de aprendizagem, identificando, com isso, se apresentam dislexia.

As ações pedagógicas estiveram focadas na leitura oral, ao fazê-lo repetir várias vezes as palavras em que encontra dificuldade, na leitura de sons complexos, no ditado de palavras e frases, na utilização de jogos da memória, alfabeto móvel, na interpretação



oral e escrita, e na utilização de linguagem objetiva com materiais sonoros, sem excesso de conteúdo. Utilizamos a fala com o aluno, mantendo sempre o contato visual e desenvolvendo um vínculo afetivo, privilegiando o trabalho em diferentes grupos.

Todas as atividades desenvolvidas com os alunos tiveram registros diários e relatórios, os quais foram encaminhados à supervisora, e serviram como meio de avaliação da metodologia utilizada. Esta avaliação fez com que o bolsista refletisse sobre a sua prática, e criasse novos instrumentos de trabalho para serem utilizados com esses alunos na finalidade de ajudá-los nesse distúrbio.

Para muitos educadores, os alunos portadores de algum distúrbio são considerados ‘ignorantes e preguiçosos, crianças que não querem saber de fazer nada’, e são encaminhados para reforço escolar. É provável que estes professores não tenham conhecimento de que estes alunos são portadores de algum distúrbio e que lhes deveria ser dada uma atenção especial, pois a dislexia pode ser trabalhada, de modo que o portador tenha melhor atendimento às necessidades em sua vida estudantil.

Se os professores tiverem mais conhecimento do que é a dislexia, estimamos que o número de alunos desistentes da escola seja menor. Diante deste contexto, o PIBID é um programa de iniciação à docência em que os bolsistas são “desafiados” a desenvolver metodologias para amenizar ou, se possível, solucionar as dificuldades daqueles alunos que não encontram suporte na sala de aula por inúmeras razões, desde sobrelotação, falta de capacitação do professor, distúrbios de aprendizagem não detectados, em destaque o da dislexia, até dificuldades do professor em lidar com essas questões.

Para fazer parte deste programa, criamos um critério de seleção dos alunos que participariam do PIBID, de acordo com o nível de dificuldade dos alunos do 2º ao 4º ano, com prioridade aos retidos no terceiro ano. À medida que esses alunos iam sendo atendidos, observamos a atuação do bolsista e como os alunos respondiam às suas propostas.

Por meio dos relatos e registros dos bolsistas, as supervisoras tiveram acesso a informações importantes acerca de alunos que: apresentavam sérios problemas de leitura e escrita, isto é, dificuldade para discriminar letras ou palavras visualmente semelhantes; não percebiam detalhes internos nas palavras (meu-mau) ou que não

distinguiam a configuração geral da palavra (tapa - tara); apresentavam lentidão de percepção (examinavam as palavras lentamente, demorando a reconhecer se são iguais ou apenas semelhantes); tendiam ao espelhamento e à inversão de letras e palavras (na leitura e na escrita); e tinham dificuldades para seguir e reter sequências visuais, por isso seus desenhos eram pobres em detalhes e suas leituras lentas, com hesitações e repetições, e geralmente acompanhadas pelo dedo, preferindo ouvir a leitura da bolsista.

Além disso, também verificamos que alguns alunos apresentavam dificuldades para distinguir semelhanças nos sons iniciais e finais das palavras, não percebiam encontros consonantais, nem rimas e tinham dificuldade de soletração, omitindo sílabas inteiras. Os alunos também preferiam a leitura silenciosa a oral; e associavam a palavra com seu significado, mas não associavam os símbolos visuais aos auditivos. Apresentavam, ainda, distúrbios na sequencialização auditiva (Ex.; ouviam macaco e diziam 'camaco'); a leitura também era lenta e vacilante, pouco compreensiva, apresentando dificuldade em passar de uma linha para outra, pulando palavras. Omitiam ou colocavam sons ou palavras onde não havia, e repetiam sílabas; sentiam dificuldade em elaborar e estruturar frases e expressar-se, a ortografia é imprecisa e a caligrafia disforme, desestruturada e desorganizada.

Nessa etapa de conhecer o aluno para selecionar os conteúdos de ensino específicos para aquele público, alguns bolsistas também enfrentaram dificuldades tanto para elaborar quanto para aplicar as atividades, pois sentiram falta de conhecimento teórico. Para tanto, supervisores e bolsistas pesquisaram sobre o tema dislexia, realizando um estudo sobre o assunto, e assim julgamos pertinente acrescentar a seguir.

Estratégias e metodologias utilizadas pelos bolsistas em sala de aula com os disléxicos

Esta pesquisa foi realizada com alunos do 2º e do 3º ano do Ensino Fundamental da EEB. Profª. Claudete M.H. Domingos, em processo de alfabetização no ano de 2014, que apresentavam problemas de aprendizagem em leitura e escrita.

Toda a ação voltou-se para as dificuldades na aprendizagem da leitura, pois entendemos, assim como Cagliari (2009, p. 130), que “saber ler é muito mais

importante que escrever”. Isso se deve ao fato de que a leitura é mais presente no cotidiano que a escrita. O mundo atual se apresenta em diferentes gêneros textuais, requerendo muito mais que apenas decodificação da escrita, é preciso saber interpretar e analisar as diferentes formas de linguagem que chegam ao leitor.

Por essa razão, a equipe pedagógica e os bolsistas do programa PIBID desenvolveram atividades voltadas à leitura de diversos gêneros textuais, com a finalidade de possibilitar ao aluno com suspeita de dislexia interpretá-los e analisá-los.

A seguir, seguem estratégias adotadas:

- Diagnóstico Inicial;
- Planejamento das atividades;
- Histórias sendo contadas;
- Escrita do nome;
- Escrita e reescrita;
- Leitura individual e coletiva;
- Interpretação oral e coletiva;
- Bingo de palavras;
- Jogos;
- Construção de uma agenda;
- Alfabeto móvel;
- Livros de literatura infantil;
- Textos diversos.

Após o planejamento das atividades, partimos para sua prática, executando-as com grupos de quatro a cinco alunos, no período de duas horas no contra turno, duas vezes por semana.

Para realizar o diagnóstico, organizamos atividades elaboradas para identificar alunos com suspeita de dislexia. Exemplos:

A) Estimulação sensorial ativa – Organização perceptiva

Percepção visual

- Descrever um aluno presente na sala de aula e pedir aos outros para identificá-lo;
- Apresentar figuras aparentemente iguais para que identifiquem as diferenças (jogo dos sete erros).

Memória visual

- Apresentar sinais de trânsito ou logotipos de marcas conhecidas, para que os alunos identifiquem;
- Dar uma sequência de formas, para que os alunos observem por 30 segundos e depois reproduzam rapidamente. Ex.: 0 * @ # + \$.

Percepção e discriminação auditiva

- Dizer palavras sem significado e pedir que repitam. Ex.: palota – nikéli – bonata.

Memória auditiva

- Propor um jogo: o professor diz uma frase que deve ser repetida e ampliada pelo aluno. Ex.: Fui ao zoológico e vi o elefante. Fui ao zoológico e vi o elefante e o urso. Fui ao zoológico e vi o elefante, o urso e a girafa.

Análise e síntese auditiva

- Pronunciar palavras com as sílabas trocadas para que as identifiquem. Ex.: per-lon-ni-go; do-se-gun; ço-pes-co.

A) Atenção auditiva

- Contar histórias com muitos detalhes e pedir ao aluno para repetir.

B) Relação tempo-espço.

- Mostrar figuras de uma família e perguntar: quem é o mais velho, quem nasceu primeiro, por último, etc.

C) Desenvolvimento da linguagem

Organização do pensamento

- Apresentar histórias incompletas e pedir ao aluno para concluí-las.

Compreensão e raciocínio

- Criar jogos e brincadeiras que estimulem o raciocínio;
- Ler uma história e pedir ao aluno para comentar o que entendeu e explicar qual é, para ele, o sentido do texto.

Com os registros dos alunos com suspeita de dislexia em mãos, a coordenação pedagógica e os bolsistas se reuniram para elaborar um diagnóstico de cada aluno,

transcrevendo os dados numa ficha única, abordando o desempenho de cada um nas atividades trabalhadas. Traçamos, com isso, um perfil dos alunos de acordo com o diagnóstico realizado, que serviu como diretriz para estabelecer metas e ações.

A dislexia a que nos referimos aqui é a chamada dislexia específica de evolução. Específica, por referir-se ao distúrbio de aprendizagem da leitura e escrita; e de evolução, por ser ocasionada por uma imaturidade neurológica, cuja tendência é desaparecer ou diminuir à proporção que a criança se desenvolve.

Diante dessas metas e ações, demos continuidade às estratégias estabelecidas, envolvendo alunos, bolsistas e professores para sua execução.

Não há receita para trabalhar com alunos disléxicos. Assim, é preciso mais tempo e mais ocasiões para a troca de informações sobre os alunos, planejamentos de atividades e elaboração de instrumentos de avaliações específicas.

Pensando nisso, todos os envolvidos na escola, a coordenação pedagógica e os bolsistas do PIBID, juntamente com o professor, sugerimos realizar reflexões sobre alguns aspectos do planejamento para atender a esses alunos com dislexia. Nesse sentido, traçamos metas para que constantemente sejam feitas avaliações e intervenções de modo a implementar as mudanças necessárias e propiciar a esses alunos condições de aprendizagem.

Os alunos que participaram desta pesquisa ainda continuam sendo atendidos pelo PIBID, sendo que muitos deles já demonstraram avanços; arriscam mais ao realizar as atividades, sozinhos, e sentem-se mais seguros e confiantes, capazes de refletir sobre a sua própria escrita, apresentando, com isso, um bom desempenho em aula.

Para que os bolsistas pudessem seguir uma metodologia durante as aulas, foram repassadas algumas estratégias que pudessem auxiliá-los no processo de ensino e de aprendizagem, conforme indica Bambino (2011). São elas:

- Uso frequente de material concreto;
- Utilização de relógio digital, calculadora, gravador;
- Confecção do próprio material para alfabetização, como desenhar, recortar;
- Uso de gravuras, fotografias (a imagem é essencial para sua aprendizagem);
- Utilização do Material Dourado;

- Emprego de folhas quadriculadas para o ensino da matemática;
- Produção de máscara para leitura de texto;
- Manuseio de letras com várias texturas;

Além das estratégias, a equipe escolar também assumiu outra postura para trabalhar com os alunos disléxicos, buscando:

- Evitar proferir que o aluno é lento, preguiçoso, ou mesmo compará-lo aos outros alunos da classe;
- Não forçar o aluno a ler em voz alta em classe, a menos que demonstre desejo em fazê-lo;
- Avaliar suas habilidades mais a partir de suas respostas orais, e não por sua escrita;
- Sempre que possível, encorajar a criança a repetir o que foi lhe dito para desenvolver a atividade;
- Propiciar momentos para a fala, pois sua própria voz contribui muito para o desenvolvimento da memória;
- Revisar frequentemente os exercícios, pois é muito importante;
- Evitar atividades para que o aluno copie do quadro; ou quando propor este exercício, dar-lhe mais tempo para fazê-lo;
- Demonstrar paciência, compreensão e amizade durante todo o tempo, principalmente quando estiver ensinando a alunos que possam ser considerados disléxicos;
- Ensiná-lo a ler palavras longas, a separá-las com uma linha a lápis;
- Dar-lhes menos dever de casa e avaliar a necessidade e aproveitamento desta tarefa;
- Não riscar de vermelho seus erros ou colocar lembretes do tipo: Estude! Precisa estudar mais! Precisa melhorar!;
- Procurar não dar suas notas em voz alta para toda classe, pois isso pode desestimulá-lo;

- Não forçá-lo a modificar sua escrita;
- Respeitar o tempo de modulação da caligrafia, pois é um processo longo;
- Procurar não reforçar sentimentos que minimizam sua autoestima;
- Dar-lhes um tempo maior para realizar as avaliações escritas. Uma tarefa em que a criança não disléxica leva 20 minutos para realizar, a disléxica pode levar duas horas;
- Usar sempre uma linguagem clara e simples nas avaliações orais e principalmente nas escritas;
- Realizar as avaliações em Língua Estrangeira sempre em termos de trabalhos e pesquisas, pois uma segunda língua é muito difícil para o aluno disléxico;

Assim como a escola, a família também é responsável por apoiar e auxiliar os alunos. Dessa forma, elaboramos e repassamos algumas orientações aos pais para que promovam uma melhoria na autoestima de seus filhos, por meio das seguintes ações:

- Oferecer segurança, carinho, compreensão e elogiar seus pequenos acertos;
- Procurar ajuda profissional para realizar um diagnóstico correto: Fonoaudiólogo, Psicólogo, Neurologista ou Psicopedagogo;
- Explicar ao filho que suas dificuldades têm um nome: DISLEXIA e que estão juntos para superar os limites, mas que ele é o principal agente desta mudança;
- Encorajá-lo e encontrar coisas em que se saia bem, estimulando-o sempre;
- Elogiá-lo por seus esforços, para que consiga obter sucesso na leitura e na escrita;
- Ajudá-lo em seus trabalhos escolares, ou em algumas lições em especial, com paciência (mas não escrever para ele, ou resolver suas tarefas de matemática);
- Ajudá-lo a ser organizado. Encorajá-lo a ter *hobbies* e atividades fora da escola, como: esportes, música, fotografia, desenhos;
- Observar se ele está recebendo ajuda na escola, porque isso faz muita diferença no que diz respeito à sua habilidade para enfrentar as dificuldades, para prosperar e crescer normalmente.
- Não permitir que os problemas escolares impliquem em mau comportamento ou

falta de limites.

Algumas recomendações também são discutidas por Varella (2015) para auxiliar as pessoas que lidam com a realidade da dislexia, e as apresentamos a seguir:

- Algumas dificuldades que as crianças podem apresentar durante a alfabetização só ocorrem porque são pequenas e imaturas e ainda não estão prontas para iniciar o processo de leitura e escrita. Se as dificuldades persistirem, o ideal é encaminhar a criança para avaliação por profissionais capacitados;
- O diagnóstico de dislexia não significa que a criança seja menos inteligente; significa apenas que é portadora de um distúrbio que pode ser corrigido ou atenuado;
- O tratamento da dislexia pressupõe um processo longo que demanda persistência;
- Portadores de dislexia devem dar preferência a escolas preparadas para atender às suas necessidades específicas;
- Ter conhecimento de que a pessoa é portadora de dislexia, bem como entender as características do distúrbio é o melhor caminho para evitar prejuízos no desempenho escolar e social e os rótulos depreciativos que levam à baixa autoestima.

Considerações finais

Para que possamos atender a um aluno com dislexia e propor estratégias de ensino, de modo que ele apresente um bom desempenho em sua vida escolar, é necessário sabermos em qual etapa de aprendizagem ele se encontra. Segundo Minetto (2015), toda criança sempre sabe alguma coisa, sempre pode aprender, tem o seu tempo e jeito próprios. Incluir significa mexer com as nossas certezas, tirar do ponto de equilíbrio, repensar alguns aspectos e agir.

Uma aprendizagem saudável permite o aluno a ir além dos limites, de forma agradável, continuada, com rotina e disciplina. É importante uma avaliação diagnóstica

que permita identificar quais hipóteses sobre a língua escrita as crianças têm e, com isso, adequar seu planejamento de acordo com as necessidades de aprendizagem.

Uma pessoa com dislexia pode apresentar problemas emocionais, devido à falta de tratamento psicológico diante do distúrbio. Para se evitar prejuízo acadêmico e frustrações, é necessário diagnóstico e acompanhamento profissional, além de orientação familiar e escolar, de modo que não se estabeleçam culpas e descrenças, mas se torne possível compreender a dislexia como uma dificuldade e não uma impossibilidade para o aprendizado.

Para nós, atuantes no PIBID, desenvolver metodologias para alunos com distúrbios de dislexia nos conscientizou de que é necessário, e um dever, intervir na aprendizagem dessas crianças com responsabilidade, atentando para o seu direito de ler e escrever.

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA. **O que é dislexia**. Disponível em: <<http://www.dislexia.org.br/>>. Acesso em: 20 fev. 2015.

BAMBINO, Leila. **Apostila sobre dislexia**. Disponível em: <https://especialdeadamantina.files.wordpress.com/2011/03/apostila_dislexia.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2015.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 1997.

CUNHA, j. da. **Breve história do conceito de dislexia**. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/102927877/Breve-historia-do-conceito-de-dislexia#scribd>>. Acesso em: 20 fev. 2015.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 1993.

FURTER, Pierre. **Educação e reflexão**. Petrópolis, RJ: vozes, 2006.

GONÇALVES, Áurea Maria Stavale. **A criança disléxica e a clínica psicopedagógica**. Acesso em: 05 de dezembro de 2006. Disponível em: www.dislexia.org.br

INTERNATIONAL DISLEXIA ASSOCIATION. **Conceito de dislexia**. Disponível em: <<http://eida.org/>>. Acesso em: 15 fev. 2015.

MASCARENHAS, Anne. Quais os principais sintomas da Dislexia? Disponível em: <<http://www.centropsicopedagogicoapoio.com.br/quais-os-principais-sintomas-da-dislexia/>>. Acesso em: 15 fev. 2015.

MINETTO, Maria de Fátima J. **Pesquisa, observação e aplicação inclusiva**. 2002 (Palestra).

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado de Educação e do Desporto. **Proposta Curricular de Santa Catarina**: ensino fundamental: disciplinas curriculares. Florianópolis: COREN, 1998.

VARELLA, Drauzio. **Distúrbios de linguagem**: dislexia. Disponível em: <<http://drauziovarella.com.br/crianca-2/dislexia/>>. Acesso em: 21 fev. 2015.